



GUIDO THOMAZ MARLIÈRE

(Noticias e documentos sobre a sua vida)

Tendo de ser traçada a biographia, tão completa como possível, da personalidade original e illustre de Guido Thomaz Marlière, tomamos o proposito de publicar tudo quanto lhe diz respeito, não só do que constar em documentos existentes no Archivo, como em informações oraes colhidas nos logares onde elle passou o resto de sua agitada e utilissima existencia.

Precedendo a publicação dos documentos, damos hoje algumas noticias, escriptas expressamente para a *Revista* pelo illustre e pranteado sabio mineiro dr. Manoel Basilio Furtado, a quem a historia natural deve valiosas contribuições.

A *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* se deve o unico trabalho publicado até hoje sobre Marlière, a cujo respeito ha absoluto silencio em todas as outras publicações historicas.

Ha no entanto recordações topographicas, cuja origem até hoje é geralmente ignorada, e que por si só bastariam para perpetuar o nome do grande philantropo, naturalista e civilizador dos indios. Taes são os nomes Guidowald, Robinson Crusoe, Petersdorff, a estrada de Guido, entre Pomba e Campos, etc.

Quanto a sua obra, esparsa em memorias, ella constituiu o subsidio mais acreditado para os trabalhos de Saint-Hilaire, Eschewegge, e outros grandes escriptores que se occuparam da terra mineira.

Apontamentos sobre a vida do Indio Guido Pokrane e sobre o francez Guido Marlière, offerecido ao Instituto Historico e Geographico do Brazil, pelo socio o Exmo. Snr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz. (1)

« E' sabido que com o progresso da população d'esta provincia e da do Espirito Santo, os indigenas d'este lado do Brazil reduiram para as margens superiores do Rio Doce e outros seus afluentes, para o S. Matheus, Mucury e Jequitinhonha ao norte e a oeste d'esta provincia. E' natural que os primeiros colonos que se estabeleceram n'esta parte do Brazil encontrassem resistencia da parte d'aquelles que se achavam de posse do territorio: as aggressões do lado dos Indios é natural que fossem consideradas pelos mesmos como justas represalias exercidas contra os invasores das terras que os alimentavam. As tribus indianas que se achavam estabelecidas em um valle, por exemplo, repellem a todo transe as outras que alli penetram em procura de fructos naturaes, de caça e peixe. Entretanto, aquelles que se consideravam simples mantenedores de seus direitos, foram julgados os aggressores dos colonos e como taes tratados com inconcebivel barbaridade.

A caça de Indios era equiparada a das feras; pela sua parte os Indios punham em pratica tudo quanto de mais horrroso possa ser suggerido pela colera estimulada de um selvagem e de um bruto, que se julga privado de seus unicos recursos contra a fome e a morte; elles mataram familias inteiras, os respectivos gados e escravos, e a todos os edificios e palcos de milho e outros mantimentos lançavam fogo devastador. Havia n'estas horribes matanças um luxo de barbaridade: as crianças eram arrancadas dos peitos maternas para serem abertas pelas pernas!!!

Durante o systema de guerra offensiva os indigenas não se submettiam senão ao temór e só pareciam domesticados enquanto durava sobre elles a pressão d'aquelle sentimento, que só pôde fazer escravos, nunca fará cidadãos ou homens civilizados. Eis que, porém, em 1824, é feito director geral dos Indios d'esta provincia o T.º C.º de linha Guido Thomaz Marlière, francez naturalizado, já conhecido por seus serviços prestados á Catechese dos Indios, e ideas a semelhante respeito expressadas em officios dirigidos ao governo, na qualidade de major encarregado da inspecção das diversas divi-

(1) V. Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Brazil vol. XVIII, pag. 410 e seguintes, 1855.

sões militares; eis que essa nomeação teve logar, diziamos, e a catechese e civilização dos indigenas apresenta uma phase assaz distincta das anteriores, em epocha bem marcada nos seus annos. Tendo entrado, havia pouco no exercicio de suas funções, Guido declarou ao Governo que elle tem emprehendido domar os indios, preferindo para este fim balas de milho ás de chumbo até então empregadas. Até então era indomavel o odio que dividia os indios do norte e do sul desta provincia: a continua guerra que se faziam inquietava os colonos, quando contra elles não eram dirigidos os seus ataques. A navegação do rio Doce era então e sempre perigosa em consequencia das hostilidades dos botocudos antropophagos e tal era o horror que incutiam por toda a parte que as sesmarias concedidas aos colonos não eram demarcadas pelos respectivos juizes que não se animavam a penetrar em mattas em que, não sem razão, julgavam ter de encontrar a morte certa e horrorosa. Nestas circumstancias Guido dá começo a seu novo systema de catechese; faz construir uma canôa, enche-a de viveres e ferramentas de toda a especie, dá-lhe uma pequena guarnição de soldados divisionarios commandada por um sargento de nome Antonio Pereira do Nascimento (por alcunha virassaia), e poz á disposição d'este um interprete. Parte a expedição do quartel geral das divisões, e tendo já navegado uma parte do rio Doce avista á margem esquerda do mesmo rio grande numero de botocudos armados de suas terriveis flechas. Batem-se palmas da parte da expedição, e pelo respectivo interprete se diz aos indios que se vem a elles com intenções amigaveis, e para os prover de sustento que lhes é necessario. Os indios exigem que se deponham as armas, em que os expedicionarios seguravam para que elles possam deixar suas flechas: a exigencia é satisfeita, e cumprida a promessa dos indigenas. Entretanto, sendo assaz conhecida a indole traçoira dos botocudos, por um momento pareceu haver na parte da expedição receio de fazer approximar a canôa da margem que os indios occupavam; mas o intrepido sargento para alli faz resolutamente embicar a canôa. O resultado desta tentativa foi o mais satisfactorio possível: os indios entram na canôa, recebem mantimentos e ferramentas e voltam ás suas mattas, pelo que diziam, convencidos de que não lhes queria mal fazer, ou que os carantonhos, como chamavam os colonos, já se achavam mansos. D'estes indios ficaram alguns na canôa a convite do sargento, para serem apresentados ao director geral dos indios; entre estes o indio Pokrane, então na idade de 24 ou 25 annos, e seu pae que capitaneava a sobredita partida de indigenas. Depois de terem estado alguns dias no quartel geral (1) onde foram recebidos por Guido com

(1) Era então em Sant'Anna do Alfê.

muitas demonstrações de amizade e benevolencia, voltaram as matas, ficando porem o joven Pokrane, que desde logo foi tomado de baixo de especial protecção do mesmo director. Guido fez-o baptisar, e poz-lhe o seu nome em signal de sympathia que concebera pelo indio que lhe parecia leal e intelligente. E não se enganou n'este juizo, porquanto, como depois se exprimia o mesmo Guido, foi Pokrane o seu braço direito na gerencia de tudo quanto respeitava á alliciação dos indigenas.

Pokrane comprehendeu logo as vantagens da civilisação, e tanto pareceu bem firmada essa sua convicção que elle deixou logo o botoque, ou a insignia de sua antiga barbaria. Botocudos vem de botoque ou botoque, termo portuguez; e allusivo a uma taboa que estes indios adaptam ás orelhas e ao beiço inferior, e que lhes serve de ornato, e (a do beiço) para ahí ficarem amudamente a carne quando estão comendo. (1) Estes pretendidos ornatos ou bizarros utensis os tornam hediondos. O joven Pokrane, logo que os depoz, persuadia aos seus que deixassem um costume tão feio (assim se exprimia), e quando isto tinha conseguido, vinha dizel o mai alegremente a Guido.

Para logo foi Pokrane o interprete fiel e predileto de Guido, que o despachava continuamente para os mattos a fim de persuadir a diversas tribus ou aos de sua nação, a que deixando a vida errante e miseravel, viessem compartir os gózos da civilisação. Tão perfeitamente comprehendeu elle estas verdades, ou tão persuasivas eram as allocuções aos demais indigenas, que estes alluiam a convite seu para o quartel geral da directoria, de continuo e em grande numero.

Com este poderoso auxilio pôde Guido conseguir o arrefecimento dos odiosidades que até então existiam entre os indios do norte e do sul desta provincia.

A conciliação dos Coroados e Purys, e a dos Nakenuks e Kraknuns. (2) foram os fundamentos principaes de sua petição, em que se diz que Guido requerera um titulo de nobreza. Ao contrario dos outros, Pokrane não comettia actos de deslealdade e traição, nem se da-

(1) O timbetú, que depois foi substituido pelo botoque devido a carencia da pedra verde, materia prima de que era fabricado o timbetú, sempre foi considerado a todos os naturalistas não como cepe para picar carne mas sim como objecto de luxo, de ornamentação ou embelleço, assim considera tambem o proprio Martière. E mesmo porque não seria possível ficar mindamente a carne sem igualmente offender o labio inferior, que firma um anel em torno do botoque que muitas vezes excede a parte superior e plano d'este.

(2) Pejourum ou Kraknun são os botocudos que habitam a margem meridional do Rio Doce.

Os da septentrional chamam-se Nakenuks.

va a embriaguez. Elle era todo devotado á pessoa do seu padrinho de baptismo, o T.^o C.^o Guido a cujas ordens estava sempre a obedecer e das quaes era intelligente executor: era tão amigo de seu bemfeitor que, ainda ao contrario dos seus mostrou sentir profundamente a retirada de Guido em 1830 da directoria Geral dos Indios, facto este que declarava ser a causa de não ter elle de ser mais feliz. Este excellento cathecista declarava que se occupava com a cathese de indios havia 13 annos, e em seus officios sempre reconheceu dever em grande parte a Pokrane o feliz successo de suas empresas. O respeitavel Guido Pokrane, eis como o tratava muitas vezes. Pokrane, como todos os de sua nação, foi sempre polygamo: Amava mulheres e filhos a quem alimentava, vestia e alojava a nosso modo e quanto lh'o permittiam sua condição e escassos recursos.

Era soldado da segunda companhia de montanhas do Rio Doce pouco antes de morrer, o que teve lugar em 1843 na idade provavel de 44 annos em consequencia de um pleuriz, como dizem uns, ou de envenenamento, como pretendem outros, no arraial de Antonio Dias abaixo: veio a esta cidade queixar-se ao tenente general Andréa de que não recebia seus soldos havia mais de 3 annos. Então declarou elle ter vindo da corte do Rio, onde se tinha apresentado a Sua M. o Imperador, parecendo a alguém com quem a tal respeito conversara, ter elle accrescentado que tomara a S. M. por padrinho de um seu filho, o que por elle fora brindado com uma boa espingarda fulminante. Pokrane fazia baptisar seus filhos, e ouvia missa com attenção propria de quem mais ou menos já comprehendia a significação das ceremonias que presenciava. Fazia se entender bem na lingua portugueza, mas não consta que tivesse recebido a instrucção primaria.

Seu trato era agradável, bem que algum tanto grave: desdenhava a intimidade com pessoas de classe inferior, procurando com marcada preferencia o trato das pessoas gradas de qualquer parte em que elle se achasse. Era fiel á sua palavra e leal em seus tratos. Seu andar era rapido e animado, o que condizia com sua propria intrepidez.

Pokrane era alto, peitos longos, bem configurado; cabello negro, corrido e luzidio; corado e menos trigueiro do que os botocudos da margem meridional do rio Doce, era visto calçado muitas vezes, o que egualmente se observa em alguma de suas mulheres. Pokrane dirigia uma aldeia de indios, a do Manhussú no Cuiethé; ahí tinha elle casa, creava porcos e gallinhas e plantava milho, mandioca e outros artigos alimenticios. Pretende-se que além de uma engenhoca de ralar mandiocas, tratava de estabelecer, ou já tinha estabelocido uma outra para moagem de cana e fabrico de rapaduras.

O que é mais e o que mostra ter este indio nascido para mandar e dirigir, é que elle exercia toda influencia possível sobre os indios de sua aldeia; compellia-os com castigos efficazes e opportunos a darem se ao trabalho, e era obdecido: quando assim procedia dizia aos

brasileiros que os índios são m.^{to} preguiçosos. Não obstante alguns hábitos religiosos e contrahidos por Pokrane, a incoherencia que por este lado se observava em sua conducta mostrava que não fóra a religião o primeiro sentimento nelle inoculado, pelo menos de preferencia a qualquer outro.

Nenhuma de suas mulheres elle tinha recebido á face da igreja, e no tempo de Guido elle dirigio uma expedição contra os Purys, na supposição de que estes feiticeiros, como eram considerados pelos botocudos, tinham lhe occasionado a morte de parentes seus.

E' isto tanto mais provavel quanto é certo que o cathechista de que temos fallado tão vantajosamente reprovaava nos jesuitas o começarem a cathechese pelo periodo religioso (aliás agora preferido por muitos ao civil). Quem quizesse escrever a biographia do indio Pokrane deveria talvez ter não só toda a correspondencia da directoria geral dos índios no tempo do tenente coronel Guido, como os seus apontamentos ou diário sobre a cathechese que consta ter elle deixado e acharem-se na fazenda de Guido Wal do termo do Presidio (3) em poder da sua viuva. (4) De todos os indigenas domesticados n'esta provincia, é certamente Pokrane o que mais perseverante mostrou-se nos hábitos do homem civilizado. Falla-se de um indio de nome Paulo Corohyba, que, depois de ter recebido a instrução primaria, vivido não pouco tempo em companhia de um vigario seu bemfeitor em lugares civilizados, e até feito com solemnidade uma allocução de cathechista aos seus, consta que fóra director de partidos de índios com o fim de matar e roubar. Até ha quem affirme ter existido um outro que despio as vestes sacerdotaes e tendo cingido o seu cocar, empunhado seu arco e flechas, se re-

(3) Hoje cidade do Rio Branco.

(4) Esses apontamentos ou diário foram arrecadados em 1853 e mais tarde publicados na Revista do Instituto Historico do Brasil pelo Coronel Athayde então deputado provincial e Geral por esta provincia. Um folheto manuscrito de Guido, naturalmente salvo as pesquisas do Coronel bi-deputado, esteve por algum tempo em meu poder, e d'elle extrahí alguns trechos que foram publicados na gazeta de Ubá; porem, estava escripto em letras tão microscopicas que não pude lê-lo como pretendia, e por isso o confiei a um am.^o (Luiz Manoel Duarte, então rezidente na cidade de Mar de Hespanha, pae do illustre medico Dr. Lacordaire Duarte) para o copiar em letras mais legiveis; por fallecimento d'este am.^o fiquei ignorando o paradeiro d'esse folheto manuscrito de Marlière, será o caso de appellar para o patriotismo de seus honrados herdeiros, principalmente agora que se trata de fazer collecção e de publicar se possível for todas as obras do grande cathechista. No—corrente calamo—o complacente leitor verá que não resta muita cousa a descobrir na vida publica do director geral dos índios Guido Thomaz Marlière e das suas obras scientificas.

trahira ás suas florestas nataes. Bem perto d'esta cidade, em casa de Mr. A. Buselin, existe um exemplo vivo da inconstancia de que acabamos de falar. E' um indio que não mostra hoje a delicada educação que lhe foi dada. Além de ter recebido a instrução primaria, foi instruido na lingua franceza, que falava soffrivelmente.

Esteve em Pariz e pelo que n'elle se observava, parecia ter-se firmado no g.^o pela vida civilizada: nada o fazia suspeito de saudades da vida selvagem, quando menos porém se esperava, o indio adoece de nostalgia e declara terminantemente que queria voltar ao Brazil. Fez-se-lhe a vontade, desde porem que chegou á casa, outro homem n'elle appareceu: rehouve quasi todos os hábitos de selvagem.

Não se deve passar em silencio o indio Oroticueue, de quem dizia o tenente coronel Guido, que pelas maneiras mostrava ser principe ou cacique entre os seus. Parecia ter-se facilmente domesticado.

Avulta porem sobre todos, não só pela facilidade com que o domesticou o sobre dito Guido, como pelos esforços que fez para o alliciamto dos seus e chamamento á vida civilizada o agreste indio Guido Pokrane, que se houvesse tido mais accurada educação talvez tivesse ido m.^{to} mais longe do que foi. »

Ouro Preto, em 13 de setembro de 1855.

—Conforme—José Feliciano França.

Eis tudo quanto se escreveu, até o anno de 1855, concernente á vida e aos feitos do director geral dos índios de Minas Geraes: bem pouco para um assumpto tão vasto! A historia porém tem-se mostrado reservada e silenciosa sobre o motivo da sua retirada da directoria geral dos índios: o pouco porem que se adivinha é de primeira intuição que o despeito, por não ter o seu requerimento, em que elle pediu um titulo de nobreza, obtido deferimento, foi o principal e talvez o unico movel que originou a sua retirada.

E' m.^{to} de reparar-se que um governo que prodigalisava titulos de Barão, de Conde, de Marquez e até de Duque ao militar cujo merito circumscreve-se ao saber assassinar no campo de batalha um grande numero de seus irmãos, muitas vezes innocentes, só por terem o nome de inimigos, mostra-se entretanto mesquinho para com um militar que pede titulo de nobreza por ter conquistado com balas de milho para sua nova patria milhares e milhares de cidadãos e arrebanhar para o gremio da igreja catholica um numero sem fim de almas desgarradas e errantes pelas brenhas inhospitas de S. Matheus, Mucury, Jequitinhonha, Pomba Muriahé, etc. Marlière escolheu para a sua residencia a fazenda da Serra da Onça que ficou chamando Guido Wal, por ser contra das tribus de índios coroados, coropós, purys e por estar proximo dos botocudos ou Aymorés, segundo elle mesmo disse no seu manuscrito. A sua casa de morada era pouco alta porem m.^{to} longa e estava situada em uma planico, estreita entre a serra da

Onça e o rio Chopotó; o quartel onde recolhiam-se os soldados e os índios era entre o dito rio e a estrada que vai hoje do Sapé à estação de D. Euzébia e ao Porto de S.^{to} Antonio.

Marlière foi um verdadeiro apóstolo da religião christã e um bemfeitor da humanidade, com especialidade dos selvagens brasileiros.

Casou-se em Portugal com a portugueza D. Maria, de cujo enlace não teve descendencia alguma: porem deixou alguns filhos bastardos homens e mulheres: algumas das filhas ainda existem. O seu filho de nome Leopoldo, mais conhecido pelo appellido de cadete casou-se, deixou descendencia conhecida e residente aqui na freguezia do Sapé: falleceu aos 50 annos de idade.

A tobi (sepultura) do C.^o Guido lá existe na serra da onça tão triste e tão solitaria como se fosse um salteador da Serra Morena, que tivesse sido justicado no deserto, lugar de suas façanhas criminosas: Como é caprichosa e mutavel a sorte humana!

Em 1842 eu a vi mostrada de uma das janellas da casa pela sua propria viuva D. Maria Marlière, sr.^a intelligente, de acrisoladas e nunca desmentidas virtudes e, apesar de sua avançada idade, os traços característicos que o tempo ainda não tinha podido apagar revelavam um porte elegante e uma formosura não commum em tempos idos. Existia então sobre a sepultura uma arvore de Gamolleira ou figueira branca (ficus dolcaria, Mart).

Disse-me D. Maria Marlière que a tinha plantado com as suas proprias mãos a pedido de seu marido pouco antes de fallecer: hoje já não existe, graças ao nosso reprehensivel descuido e á ausencia completa do nosso patriotismo.

Ha uma lembrança generosa do povo do Sapé: de transferir os restos mortaes do Director dos Índios para um lugar mais decente, ou pelo menos collocar (o que é mais razoavel) sobre a sua sepultura uma lapida que indique sequer o lugar onde jazem as cinzas mortuarias desse grande philanthropo amigo dos Brasileiros.

Faço votos para que se traduza em realidade os humanitarios e patrióticos sentimentos dos sapeenses. Actualmente será difficil descobrir-se o lugar da sepultura; a figueira, a casa de morada, a caserna já não existem; o matto e a lavoura acabaram de apagar os ultimos vestigios que ainda podessem haver: nem uma cruz, nem uma pedra, nem se quer uma tosea cerca indica onde existio outr'ora o lugar d'essa sepultura!

Já ouvi dizer por pessoa que ouviu de uma filha do finado que a sua sepultura fora violada e profanada por compatriotas do seu fallecido Pae, e que arrecadaram tudo quanto havia de valôr: espada, condecorações, etc.

Já vê, pois, o Leitor, que não são os selvagens os unicos que praticam vandalismo! Existe n'esta freguezia do Sapé e nas suas co-

marcas grande numero de familias de Índios Coroados, Coropos e Purys: porem nada orientam com referencia ao lugar da Tibi do seu antigo amigo e bemfeitor! Tambem não sabem mais uma só palavra do seu dialecto primitivo e desconhecem completamente as industrias dos seus antepassados, como o fabrico de redes de pescar, de dormir, de esteiras, de cestas, de arcos, de flechas, de bodoque, etc.

Ultimamente consegui descobrir, em poder de D. Maria Flavia Marlière, neta do C.^o Guido e filha do Cadete, uma pequena medalha com o retrato de Marlière: esta preciosidade historica acha-se bastante deteriorada, não só pela edocidade do tempo, como tambem pela carencia de boa conservação. (*) Os olhos, o nariz e a bocca que são os orgãos, que mais caracterizam a physionomia humana quasi que desapareceram; podem porem ser restaurados facilmente: o azul vivo do iris ainda é bem visivel, como tambem o encarnado dos labios.

Estou informado por pessoas authenticas que ouviram das suas filhas e netas que elle tinha o nariz m.^{to} afilado e rectilíneo, e que a sua physionomia era mais de allemão do que de francez; estas senhoras têm razão de saber por serem testemunhas oculares. Os olhos azues e as pomas faciaes salientes do retrato parecem confirmar, com certo gráo de probabilidade a asserção d'essas senhoras. A parte visivel do uniforme do grande gala com que achava-se fardado na occasião em que se fez retratar, está soffrivelmente conservada; porem as condecorações que outr'ora pendiam-lhe do peito, segundo estou informado, não são mais visiveis. Não conheço os costumes militares d'aquelles tempos e por isso não sei se o uniforme do C.^o Guido era francez ou portuguez.

Os feixinhos do cabelo, bastante encanecido, que existem no reverso da medalha, são do C.^o Guido e do seu filho Leopoldo, segundo afirma a sua proprietaria. Procurei obter esse retrato para occupar um lugar de honra no salão dos archivos Historicos de Minas Geraes, valendo-me das pessoas de amizade d'essa senhora; porem foram baldados todos os meus esforços. Um sentimento de gratidão, aliás muito louvavel, do seu bondoso coração oppunha-se a que ella despresasse essa reliquia de familia; tinha-a recebido de sua avó D. Maria Marlière pouco antes do seu passamento, pedindo-

(*) O Archivo Publico Mineiro conseguiu reproduzir em grande este retrato.

É um bello trabalho a óleo do distincto pintor Honorio Esteves.

N. da R.

lhe encarecidamente que a conservasse e a estimasse como ella o tinha feito durante toda a sua vida.

P. S. — Marlière nos seus manuscriptos, n'aquelles que me são conhecidos, não faz menção de Quartel existente na povoação de S. Paulo de Muriahé, mas sim no da Vargem Grande, duas legoas abaixo da povoação de S. Paulo de Muriahé na margem direita do rio d'este nome que até hoje é conhecido pelos antigos com o nome de Quartel de Nossa Senhora do Patrocínio da Vargem-Grande.

D. Manoel Basilio Furtado.



Prisão de Guido Thomaz Marlière como suspeito de enviado de Bonaparte

OFFICIO DO MINISTRO AO GOVERNADOR DE MINAS

SECRETISSIMO

1.º Aviso

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.^o. — Conhecendo Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor a fidelidade zelo, e intelligencia com que V. Ex.^{cia} tanto se distingue no seu Real Serviço: e havendo agora chegado com grande probabilidade á Sua Real Presença uma secreta informação, pela qual parece mostrar-se que o emigrado Guido Thomaz Marlière, Tenente aggregado ao Regimento da Cavallaria de Minas Geraes, e que Sua Alteza Real tanto tem beneficiado, he um Emissario de Bonaparte, e ligado com elle para subverter estes Estados; Ordena Sua Alteza Real que V. Ex.^{cia}, logo que receber este Aviso, o faça observar em todas as suas acções, e conhecer de todas as Pessoas, que com elle vivem sem que elle perceba que ha contra elle a menor suspeita, e que passado mez e meio de observação, e quando elle possa estar totalmente desapercibido, e descuidado, V. Ex.^{cia} o faça prender, tomando-lhe todos os seus papeis, e correspondencias e o mande remetter aqui, com toda a segurança ao intendente Geral da Policia, para proceder ás ultiores informações que se devem tomar a seu respeito, e conhecimento que se deve ter de todas as suas relações. Igualmente Ordena Sua Alteza Real, que V. Ex.^{cia} mande aprender todas as cartas que lhe forem dirigidas pelo Correio, e dê conta das mesmas, e do que for achando relativo ás Pessoas, que o frequentão, e do que souber de suas acções. Sua Alteza Real recommenda muito este negocio a V. Ex.^{cia}, que deve ser conduzido com o maior segredo, com a mais severa prudencia, e